

A photograph of a woman with dark hair, wearing a maroon sleeveless top, hugging a young boy from behind. The boy is wearing a white t-shirt and blue shorts, and is laughing joyfully with his eyes closed. They are sitting on a concrete ledge outdoors. In the background, there is a blue metal fence and a wall with colorful graffiti.

Educação Inclusiva

**Oito atitudes essenciais
para professores e gestores
que priorizam a qualidade
da inclusão na escola**



© Arthur Calasans

O direito à diferença

Esqueça as palavras tolerância e aceitação. Elas não servem neste momento. Não é uma questão de aceitar porque é lei ou tolerar uma criança com deficiência, transtorno do espectro autista (TEA), transtorno global do desenvolvimento (TGD) ou altas habilidades/superdotação, recebendo-a com reservas na escola. Antes de tudo, **a inclusão é um direito**. Por isso, precisa ser reconhecida dessa forma. Quem defende essa postura é Maria Teresa Eglér Mantoan, uma das maiores especialistas em inclusão escolar no Brasil, coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferenças – Leped/Unicamp. E qual nosso papel como professora ou professor, gestora ou gestor escolar, comunidade e

poder público? É tornar a educação inclusiva possível.

Mas o que é educação inclusiva? “No mundo não existe um consenso, há um espectro de divisões”, conta Rodrigo Hübner Mendes, fundador e superintendente do Instituto Rodrigo Mendes, que tem como missão colaborar para que pessoas com deficiência tenham acesso à educação de qualidade. No entanto, existem dois pilares comuns que embasam a inclusão em ambientes educadores. O primeiro é a **busca pela igualdade de oportunidades** – o que pressupõe, em certos casos, que sejam tomadas medidas específicas para compensar desvantagens. E o segundo é a convicção de que **as diferenças humanas precisam ser respeitadas e valorizadas**.

Avançar é preciso

Segundo estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de **15% da população tem alguma deficiência**. Embora tenha avançado no mundo todo, o direito à educação ainda não foi universalizado para esse público. No Brasil, só 2,8% das crianças matriculadas no Ensino Fundamental pertencem ao segmento (dados do Censo Escolar 2017). Esse número vem aumentando após a publicação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva pelo MEC, em 2008. O desafio é ampliá-lo.

Saímos de uma lógica da exclusão para a integração, onde “o especial”, a “especialidade” e “a adaptação” ainda persistem em muitas práticas escolares. A educação inclusiva ainda enfrenta resistências. “A integração, que teve seu auge em 1970 e 1980, tinha como um dos princípios a normalização. Os alunos com deficiência que frequenta-

vam a escola regular iam para classes especiais, com a meta de aproximá-los da ‘normalidade’. Enquanto isso, a escola e a sociedade se mantinham iguais”, explica Carla Mauch, coordenadora-geral da Mais Diferenças, organização que trabalha e defende a educação e a cultura inclusivas. Um avanço significativo aparece na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas

com Deficiência (ONU/2007), marco legal em que a deficiência é considerada um conceito em evolução e tem relação direta com as barreiras que a sociedade e o ambiente impõem. Quando se fala de educação inclusiva, essa mudança de olhar é fundamental. Conheça, a seguir, **oito atitudes que ajudam a incluir com qualidade todas as crianças na escola.**



Atitude 1

Focar nas possibilidades e não nas limitações

O escritor português José Saramago, no documentário [Janela da Alma](#), diz: “Para conhecer as coisas, há que dar-lhes a volta”. Ampliar o olhar, como quando usamos um binóculo para aproximar o que se observa, é essencial para a inclusão. A intenção é **ver primeiro** a criança, o adolescente, o jovem ou o adulto – antes da deficiência. Digamos que a deficiência ou o transtorno são características tão importantes quanto as outras, como a idade, o gênero, morar em área rural ou urbana, ser imigrante... É preciso elaborar um ambiente que respeite essa característica, mas que não fique limitado por ela.

Ao longo da história, a deficiência esteve permeada por um olhar assistencialista, de pena, de superproteção. “Transformar esse olhar em uma concepção de direitos humanos é uma tarefa complexa que exige compromisso de toda a comunidade escolar e uma mudança interna dos professores”, conta Guacyara Labonia Guerreiro, coordenadora-geral da Mais Diferenças. Em vez de enxergar limitações no aluno – ou rótulos que os diagnósticos lhe impõem –, **deve-se entender quais são as barreiras de ambiente e atitudinais** que ele enfrenta. O papel da escola é oferecer condições para que o indivíduo não seja ocultado por elas.

“**É importante não supervalorizar o diagnóstico. Professores e gestores devem dar ênfase a práticas pedagógicas inclusivas e diversificadas que contribuam com o desenvolvimento de todos os alunos.**”

Carla Mauch, coordenadora-geral da Mais Diferenças

Atitude 2

Dar valor aos saberes e engajar a família



© Mais Diferenças

A relação entre gestores, professores e o educando se inicia quando mães, pais ou responsáveis dividem com a escola a tarefa de prosseguir com o desenvolvimento integral daquela criança. Nesse momento e durante toda a relação família-escola, é essencial valorizar a troca e a ampliação dos saberes. **Quem convive de forma intensiva com aquele indivíduo único e singular tem sempre algo a ensinar.** Por isso os educadores devem procurar dar voz aos familiares

(ou responsáveis). Faz parte também compartilhar informações e novas descobertas, celebrando os avanços do aluno na escola.

“Considero um grande desafio o engajamento das famílias. É preciso conscientizá-las de que sua participação é fundamental para que tudo corra bem e para que se ampliem as possibilidades de aprendizagem de todos”, diz Rodrigo Hübner Mendes. Segundo ele, entre os responsáveis por crianças com deficiência ou transtornos pairam

dúvidas, desde a primeira infância, sobre o acesso à escola comum (pública ou não) e sobre quanto se pode exigir dela um serviço de qualidade. Por isso, essa conscientização é tão importante, e não só para quem se responsabiliza em casa por essas crianças. Vale a pena esclarecer a toda a comunidade escolar que estudos comprovam que **o convívio e a interação de alunos com e sem deficiência no ambiente da escola são benéficos**, interessantes e positivos para todos.

Atitude 3

Unir forças para incluir com mais qualidade

Na escola, existem os alunos e as suas diferenças. Essa ideia é muito poderosa como conceito, mas, segundo Maria Teresa Mantoan, difícil de se concretizar. Primeiro porque nos acostumamos a rotular: aluno com deficiência, com dificuldade de aprendizagem, em risco social... Uma política de respeito à diferença começa pela equipe gestora. Depois, os educadores devem entrar em acordo sobre o que entendem como educação inclusiva e alinhar os princípios norteadores para a instituição. Também **precisam apoiar uns aos outros, sentirem-se acolhidos e com liberdade para falar sobre o tema.**

Tizuko Morchida Kishimoto, professora titular e pesquisadora sênior da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), defende que o desenvolvimento dos alunos com deficiência e o cotidiano escolar sejam objeto de discussão coletiva. O projeto Diversa Presencial, do Instituto Rodrigo Mendes, que conta com o apoio da Fundação Volkswagen, já testou a potência de encontros com educadores que enfrentam desafios. Profissionais de várias escolas se reúnem, fazem relatos de observação e pensam juntos sobre os encaminhamentos, com resultados animadores.

“ É possível transformar as práticas partilhando reflexões e vivências em grupos de professores e gestores. Algumas vezes, a discussão não basta. É preciso ver de perto para entender o que pode ser mudado.”
Tizuko Morchida Kishimoto,
professora da Faculdade de Educação da USP

Atitude 4

Acreditar que todos podem aprender

O educador tem um enorme poder em suas mãos. “Faz muita diferença a crença que ele tem no estudante e nos horizontes que poderá alcançar”, diz Rodrigo Hübner Mendes. Professores e gestores precisam ter o cuidado de estimular, incentivar e investir no desenvolvimento do educando. Vale a atitude de aposta, de altas expectativas, mesmo nos casos mais complexos. O contrário – a baixa expectativa – pode destruir as possibilidades do aluno e, em relação

à criança com deficiência, essa atitude ainda é bastante comum.

Segundo Mendes, **a escola inclusiva acolhe com altas expectativas todos os alunos**, com e sem deficiência. Esse pensamento é partilhado por Maria Teresa Mantoan. “Só que essas expectativas não podem corresponder a um modelo predeterminado. É preciso entender que o indivíduo se desenvolve segundo a sua capacidade, única e singular”, explica a especialista. Toda criança tem potencialidades e saberes.

E existem oportunidades a serem aproveitadas pelo educador, pois as crianças avançam na aprendizagem e no desenvolvimento com a mediação do adulto. São pequenos saltos que elas dão, e a graça do processo educativo está em acompanhá-los sem se prender a metas ou resultados, considerados pelas tradicionais avaliações escolares. “O papel do professor é identificar os interesses do seu aluno e ensiná-lo da maneira mais completa possível”, observa Maria Teresa.



Atitude 5

Oferecer variedade de materiais e atividades

Na inclusão, o modelo tradicional de ensino é ineficaz. Transmissão de conhecimento, aulas em 50 minutos, a mesma configuração para diferentes turmas e a busca por resultados... nada disso se encaixa. “É redutor querer adaptar e individualizar o ensino, pois ele é subjetivo. Existe uma dificuldade em aceitar que a aprendizagem é individual, é do sujeito, que tem suas curiosidades, indagações, interesses e capacidades”, diz Maria Teresa. É dentro do grupo e na relação entre as pessoas que acontece a construção de saberes.

É importante ter clareza de que não existem receitas por perfil de aluno ou tipo de deficiência. **Há diferentes formas de aprender e de ensinar.** “Para todas as crianças aprenderem, é fundamental disponibilizar materiais e atividades variadas, usar diferentes metodologias e estratégias”, diz Carla, da Mais Diferenças. Para uma pessoa cega entender conceitos sem o auxílio da visão, por exemplo, ela precisa de muitos recursos e possibilidades de experimentação. Não para compensar uma falta, mas para que possa elaborar as próprias formas de ler e sentir o mundo.

“ O papel do educador é de igualar oportunidades e diversificar as estratégias, pois existem múltiplos métodos de apresentar um conteúdo, fazer a mediação e engajar os estudantes.”
Rodrigo Hübner Mendes,
do Instituto Rodrigo Mendes

Atitude 6

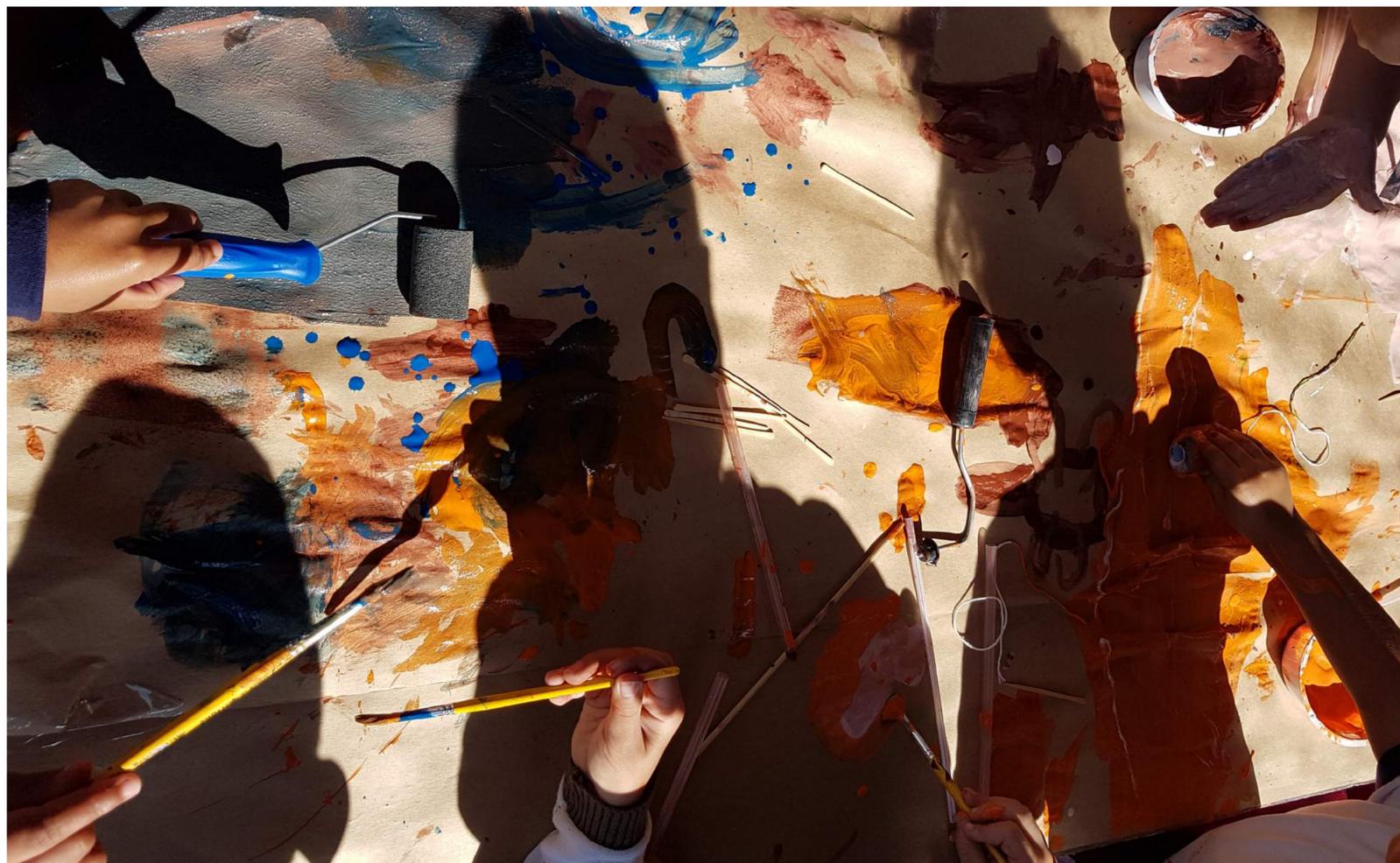
Apostar na potência das linguagens e da arte

O cinema, o teatro, a literatura, as artes plásticas, a dança... A importância das múltiplas linguagens aparece na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). “Os professores sentem dificuldades em trabalhá-las, pois essas linguagens não são o foco na formação inicial”, comenta a professora Tizuko. Para superar essa lacuna, é importante que os educadores busquem ampliar seus repertórios. Além de visitar museus e discutir sobre arte, proponha em sua

escola que a equipe fique uma reunião inteira vendada ou assista a um filme sem a imagem e depois com audiodescrição (e vendas sobre os olhos).

Para levar referências aos alunos, tecnologias digitais e redes sociais nos aproximam de imagens e vídeos de temáticas diversas mundo afora. Na sala de aula, **materiais simples e liberdade para experimentar** permitem que alunos com e sem deficiência deem vazão a sua expressão. Forrar o chão com papel Kraft e deixar usar

tintas, carvão e materiais diversos – evitando dar instruções direcionadas – rende resultados surpreendentes. Propostas criativas como essa fizeram parte do Projeto Brincar, iniciativa da Fundação Volkswagen que promoveu formação de educadores e acompanhamento em escolas de Educação Infantil. “Valorizamos a construção coletiva e o compartilhamento de práticas para aprimorar a inclusão”, conta Guacyara, da Mais Diferenças, que coordenou as formações.



Atitude 7

Dar autonomia e valorizar os interesses dos alunos

Pode parecer difícil, mas vale a pena oferecer liberdade de escolha para que os alunos se envolvam com os objetos de estudos. Se as aves são o tema, alguns vão desenhar, procurando referência em livros; outros, buscar gravetos para reconstruir um ninho; outros, gravar os cantos e pios no pátio. “O professor precisa investir tempo, espaço e materiais para dar autonomia para a turma”, diz a professora Tizuko. Ela defende a reorganização do espaço em áreas de aprendizagens e **brincadeiras e projetos que permitam a interação e a investigação** dentro de um contexto rico para criar. “A pedagogia participativa respeita os saberes, os direitos e as diferenças das crianças”, destaca Tizuko.

O tempo é fundamental para arriscar, experimentar, perceber o que dá certo e os equívocos no caminho. “É preciso oferecer atividades e linguagens variadas para entender o que mobiliza o aluno com deficiência”, explica Guacyara, da Mais Diferenças. Se o docente quer ampliar as experiências das crianças, deve observar os interesses e necessidades delas e ter a ousadia de mudar suas propostas de acordo com essas descobertas.

“ Um ensino que faculta a todo aluno exercer sua autonomia intelectual e seu poder de decisão começa com os mais novos, ao escolherem por si mesmos as tarefas e o modo de desenvolvê-las de acordo com suas capacidades, interesses, curiosidades e dúvidas.”
Maria Teresa Mantoan,
coordenadora do Laped/Unicamp

Atitude 8

Estudar sempre e buscar apoios



© Mais Diferenças

O cenário da inclusão dentro de cada unidade escolar é diferente, pois tem ligação com a realidade que enfrenta. “Uma escola nunca é acessível de primeira. Isso vai depender dos alunos que estão lá”, ressalta Maria Teresa. Em cada situação, professores e gestores precisam estudar um pouco mais para acolher e entender a criança. Independentemente de habilidades motoras, intelectuais ou sensoriais, é preciso **dar acesso aos conteúdos curriculares.**

Isso exige planejamento e diversificação das aulas, com materiais didáticos em vários formatos e estratégias pedagógicas.

Imagine enfrentar desafios como o processo de alfabetização de um aluno surdo, em Português, como segunda língua, ou elaborar um conceito como o de cor para uma criança cega! É necessário estar aberto para **aprender junto com o aluno.** Também vale investir na colaboração entre os colegas e buscar apoio de profissionais de

diversas áreas. Tizuko defende a valorização da práxis, que é experimentar na prática o que se aprendeu na teoria, e a formação em contexto. Nela, o professor tem seus saberes valorizados e alavanca suas práticas com base no que vivencia dentro da escola. “O professor deve rever e ampliar a própria formação para impactar positivamente a escola. Mas só conhecimento não basta. É preciso envolvimento emocional. Sem emoção, não existe impulso que leve a uma atitude”, completa a professora.



© Arthur Calasans

Suas atitudes e links para se aprofundar

Se você chegou ao final da leitura, deve estar acrescentando ainda outras atitudes às oito abordadas. Afinal, seu olhar sobre a inclusão também é único e singular. NOVA ESCOLA defende que a educação inclusiva seja preocupação de esferas institucionais, de governos e da sociedade como um todo. Nestas 12 páginas, priorizamos atitudes que dependem de reflexão, comportamento e ação de gestores e professores, as pessoas que, em conjunto com a comunidade e o entorno, podem mudar a realidade da escola. Siga conosco nessa batalha e continue a leitura nestes links:

- O portal [Diversa](#) disponibiliza artigos, estudos de caso e relatos de práticas exitosas em escolas regulares com estudantes com deficiência.

- [Cá entre nós](#) é o tabloide com artigos e relatos de casos sobre educação inclusiva do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença ([Leped](#)), da Unicamp.
- A aba de educação do site da [Mais Diferenças](#) dá acesso a materiais de formação e pesquisas sobre educação inclusiva em redes públicas escolares e a [uma biblioteca](#) com 38 livros de literatura nacional e estrangeira em múltiplos formatos acessíveis.
- O site da [Fundação Volkswagen](#) traz publicações sobre inclusão na Educação Infantil e um guia de mediação de leitura acessível e inclusiva.
- O Unicef Brasil elaborou um guia e um folheto sobre [Incluir Brincando](#) e materiais sobre a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência intitulados [Todos Podemos](#).



REALIZADO POR:



APRESENTADO POR:



REPORTAGEM E EDIÇÃO DE TEXTO: MAGGI KRAUSE
DESIGN E EDIÇÃO DE ARTE: VICTOR MALTA